

ANDRADE, Ícaro Yure Freire de, Esperança e Crítica: uma resenha sobre a Utopia. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 17, n. 50, p. 145-148, agosto de 2018 ISSN 1676 8965.

RESENHA

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Esperança e Crítica: uma resenha sobre a Utopia

Hope and Criticism: a review about utopia

Ícaro Yure Freire de Andrade

BRITO, Simone Magalhães. *A Esperança Tardia: Desencantamento da arte e persistência da utopia na teoria crítica contemporânea*. João Pessoa: Editora UFPB, 2016.

O argumento apresentado no transcórre de *A esperança tardia: desencantamento da arte e a persistência da utopia na teoria crítica contemporânea*, como o próprio título do livro já diz, centra-se em uma discussão que tem como objeto principal de análise o problema do se pensar a utopia contemporaneamente assim como a dimensão valorativa que acompanha tal problema.

A socióloga Simone Magalhães Brito demonstra como o problema da utopia ou a idealização de mundos outros, é um fenômeno social que emerge conjuntamente com a própria experiência da modernidade assim como os valores que a acompanham. Para isto, metodologicamente, a autora no decorrer da exposição de sua análise utiliza-se de uma sociologia que tem como forte característica a presença de uma dimensão histórica, visando dessa forma relacionar os impulsos utópicos com os processos sociais que o acompanham/acompanharam.

No primeiro capítulo “Modernidade I: crise da arte como

morada dos sentimentos humanos” o que é apresentado enquanto objeto de análise são os dois impulsos que passam a compor a experiência moderna ocidental: o impulso da ordem (que tem como principal exemplo a obra filosófica de Thomas Hobbes) e o impulso regido por uma dimensão sentimental (que tem como principal expoente Jean Jacques Rousseau e seu materialismo primitivo).

Neste capítulo são apresentados os elementos que demonstram o projeto utópico próprio a visão de ordem que tem na auto fundamentação da razão seu horizonte norteador de projeção de futuro e em um impulso que toma a cultura sentimental como resposta a essa etapa não contemplada pelo projeto racionalista de ordenação do mundo. É neste momento de conflitos entre projetos distintos de sociedades futuras que a arte e a estética ganham centralidade na discussão acerca do projeto de construção de um mundo diferente.

É preciso enfatizar que essa constatação da incapacidade da razão em preencher o vazio de sentido da vida moderna não é tardia, por isso o olhar do Iluminismo tão cedo se preocupou com o lugar da

estética. A estética e a arte passam a assumir um aspecto fundamental na busca de um sentido unificador para a vivência moderna. Esse aspecto é fundamental para o argumento deste trabalho: a arte na Modernidade se constitui enquanto a esfera responsável por dar sentido/unidade a uma sociedade diferenciada. Pelo “sentido” que a estética poderia resgatar/construir, ela passa a ser pensada como uma pedra fundamental na constituição de uma sociedade futura. (p. 33)

A arte passa a ser o lugar onde os impulsos utópicos são apresentados, como crítica a forma racionalista que ganha lugar cada vez maior nas relações sociais modernas. A estética então surge enquanto a tentativa de construção de uma coesão humana em uma sociedade regida pela diferenciação e fragmentação da experiência (p. 36).

O segundo capítulo “*Modernidade II: O lugar da revolução e a crise da arte*”, dá prosseguimento ao desenvolvimento dos problemas referentes a relação entre utopia e estética e principalmente no que tange essa noção de campo estético enquanto morada dos sentidos. Em um primeiro momento esses impulsos utópicos que daí emerge são reforçados pela crítica romântica a experiência moderna, que percebem no processo de diferenciação que está em andamento um problema de ordem moral, uma vez que uma sociedade que se torna cada vez mais complexificada e diferenciada traz como momento de crítico a impossibilidade de se pensar em imperativos normativos que rejam as relações sociais e desta forma mantenham um sentido humano como elemento norteador de tais processos.

Com o desenvolvimento cada vez maior do capitalismo e das relações

que dele emergem, essa percepção da dimensão estética enquanto portadora dos valores e da esperança vem sendo gradualmente minada, encontrando seu ápice de crise no século XX. “Em termos mais diretos, o processo de alienação no capitalismo se realiza como negação da expressividade humana ou ruptura da dimensão estética das vivências. O mundo capitalista é um mundo que saiu do controle daqueles que o criaram e, como na forma edênica de alienação, seu resultado é sofrimento”. (p. 60)

Como demonstrado pela autora, o problema da arte assume uma dimensão de tragicidade no século XX, uma vez que a arte deixa de ser o lugar de realização da utopia passando assim a obedecer a demandar de mercado. O desenrolar-se de uma indústria cultural seria o momento mais sintomático desse fenômeno onde a arte assume com a sua inserção e o desenvolvimento cada vez maior de um mercado artístico a forma de mercadoria. A indústria cultural é a concretização dos impulsos que ameaçam o sentido amplo da estética, uma vez que é o desenvolvimento da razão instrumental dirigida ao controle gradual do mundo do espírito (p. 80).

Essa segunda etapa do fenômeno da modernidade traz consigo a apresentação dos limites da crítica utópica que tinha na arte o momento de concretização da resistência aos processos de diferenciação da experiência social moderna, tornando-se parte desse mesmo problema. A arte ao tornar-se mercadoria, já não é vista e encarada como momento de crítica radical aos processos de alienação e reificação, mas sim, passam a compor etapas desse mesmo processo trazendo dessa forma mais uma vez a necessidade de se repensar os impulsos utópicos e sua relação com a esperança.

O terceiro capítulo, “*Pós-Modernidade: o desencantamento da arte e as resistências do corpo*”, centra-

se na análise dos problemas colocados pelas críticas pós-estruturalistas quanto a questões referentes a utopia e a conseqüentemente a esperança. O pensamento pós-moderno traz como pontos centrais da sua crítica a percepção de que os processos de dominação e liberação estão presentes em toda a vida social e uma intensa perda de esperança na cultura. A cultura passa a ser vista como enunciação, isto é, como arbitrariedades sociais que visam legitimar os vários processos de dominação que se aplicam no mundo contemporâneo.

Se tudo é composto por jogos de poder e dominação, o campo artístico não se mostra de outra forma, onde “ (...) a experiência artística é mais um lugar de disputas entre narrativas concorrentes, marcado por jogos de poder como tantas outras práticas sociais” (p. 93). A utopia desloca-se do campo artístico e nesse momento da experiência social é apresentada enquanto possibilidade na percepção das necessidades fragmentárias, isto é, uma vez que o mundo é percebido como uma teia de relações de poder e dominação que visam homogeneizar a pluralidade do mundo social, para os pós-modernos torna-se crucial que se passe a pensar em críticas localizadas e específicas a problemas que se colocam enquanto universais.

Conceitos como cultura do simulacro (Baudrillard) e centralizações nos momentos de dominação e rompimento dessas formas de dominação (Bourdieu, Foucault), passam a compor esse momento que se intensifica no final do século XX da experiência social. Como se pensar a utopia nestas novas demandas que se apresentam nessa nova etapa de desenvolvimento do mundo contemporâneo? E talvez a pergunta mais importante: é possível se pensar a utopia uma vez que a distopia se

apresenta enquanto forma própria desse momento considerado pós-moderno?

Para os pós-modernos, só se torna possível pensar na utopia quando estas se apresentam enquanto fragmentárias, trazendo consigo desta forma um compromisso ético radical, isto é, a utopia da diferença. Essa utopia da diferença é composta por várias utopias, da percepção da pluralidade e mais precisamente dos processos de dominação e homogeneização que estão presente nas formas mais banais de relações sociais.

Simone Brito apresenta a importância da crítica pós-moderna, mas também demonstra os momentos problemáticos aos quais tal crítica também apresenta. Uma vez que o que é apresentado como um rompimento ético radical – a percepção da diferença e de formas específicas de combate aos problemas colocados pela dominação – também abre espaços para o precedente de formas conservadoras e reacionárias também se apresentarem enquanto diferentes, pois a crítica pós-moderna não havia naquele momento ainda pensado em limites para se pensar as formas da diferença que se apresentavam na sociedade.

O quarto capítulo “*O marxismo na contramão da Pós-Modernidade: a persistência da utopia*”, a autora nos apresenta as críticas feitas pela teoria marxista – mais precisamente pelo teórico Fredric Jameson – aos problemas apresentados e colocados pela crítica Pós-Moderna. Para Jameson, para se pensar na utopia enquanto mundo outro, torna-se necessário que algumas confusões conceituais colocadas pelos pós-modernos sejam esclarecidas.

A primeira delas é a relação entre totalidade e totalitarismo. Para o crítico cultural americano essa relação automática entre essas duas categorias diferentes se coloca enquanto sintomas dos problemas que se apresentam na

experiência social no capitalismo tardio. A categoria da totalidade é condição para qualquer forma de pensamento e crítica que se demonstre antireificadora, enquanto o totalitarismo é um problema ético que está relacionado as formas plurais de violência.

Essa confusão entre essas duas categorias distintas, tanto no significado como na sua relação direta trazem problemas para se refletir o problema da utopia. Para Fredric Jameson para se pensar a utopia é necessário que se retome a dimensão da universalidade e consequentemente a universalidade da experiência humana. Simone Brito nos lembra como sistematicamente com os desenvolvimentos do pensamento pós-moderno, qualquer forma de pretensão a universalidade e transcendentalidade foi rejeitada e apresentada apenas enquanto forma pura e simples de dominação ou de candidatura a tais formas. Se temos na pós-modernidade a distopia enquanto forma hegemônica de se pensar cultura e sociedade, nesse momento proposto por Jameson - que também é um momento pós-moderno ou de legitimação da lógica cultural no capitalismo tardio - torna-se imprescindível se pensar em mundos outros, em momentos utópicos.

O último capítulo "*A ética como fundamento da teoria crítica*", que se apresenta enquanto conclusão do livro, Simone Brito faz uma retomada dos problemas apresentados no livro referentes a relação entre utopia e moral. Para a autora o pensamento pós-moderno pensou a questão da diferença sem pensar a relação entre essas formas de diferença com outras (p. 145). Para

Theodor Adorno o grande momento utópico para se pensar a sociedade contemporânea estaria sob a responsabilidade da ética, isto é, na necessidade de se pensar novos imperativos categóricos que englobem questões referentes a universalidade da experiência que abarque a perspectiva da totalidade e o reconhecimento da diferença. Onde, segundo Brito, localiza-se o grande desafio proposto pela teoria crítica.

A conclusão não é um fechamento total dos problemas apresentados no transcórre da obra, ela não possui um sentido teleológico e fechado de entendimento, apresenta-se mais como uma provocação intelectual para os próximos pesquisadores que venham a se debruçar sobre a problemática da utopia e dos problemas e dilemas que tal forma de pensamento ocupa na sociedade contemporânea.

"A esperança tardia" traz como contribuição para a sociologia o pensar as formas utópicas e suas relações, não apenas enquanto formas rígidas de pensamento ou de mundos meramente imaginados, mas enquanto sentidos cambiantes, dotados de valores também cambiantes, que variam conforme a realidade social e histórica em que foram produzidas. Mais do que uma simples cronologia do problema da Utopia na modernidade, Simone Brito traz como problema crucial a questão referente aos valores e a própria experiência social, uma vez que ela procura entender de forma relacional a vida moral e sua relação com vida econômica e política.